

Entrevista com Tukufu Zuberi

Tukufu Zuberi é bacharel em sociologia, San Jose State University, EUA (1981), mestrado em sociologia, California State University, Sacramento, EUA (1985) e Doutorado em Sociologia pela University of Chicago, EUA (1989). É professor de sociologia e estudos africanos da University of Pennsylvania, EUA. É também diretor-fundador do Centro de Estudos Africanos desta Universidade. Foi professor visitante em universidades da África e do Brasil. Já produziu mais de 50 artigos acadêmicos e escreveu e editou oito livros, incluindo *White Logic, White Methods: Racism and Methodology* (com Eduardo Bonilla-Silva), obra que recebeu o prêmio *Oliver Cromwell Cox Book Award* pela *American Sociological Association*. Zuberi é também curador de exposições, *Tides of Freedom: African Presence no Independence Seaport Museum* do estado americano de Delaware e da exposição *Black Bodies in Propaganda: The Art of the War Poster* realizada no Museum of Archaeology and Anthropology da Universidade da Pensilvânia. Atualmente lidera os planos de reinstalação da African Collection deste mesmo museu. Zuberi é também diretor e roteirista de filmes, como o premiado documentário *African Independence*, um longa-metragem que apresenta o nascimento, o desenvolvimento e os problemas enfrentados pelo movimento que conquistou a independência na África.

Entrevista concedida via conversa por Skype a **Flávia Gomes Chagas** e **Thayná Cavalcanti Peixoto**, mestranda e doutoranda, respectivamente, na linha História Social da Cultura do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG e membros do Conselho Editorial da Revista Temporalidades, gestão 2018/2019. A conversa foi traduzida livremente e editada para melhor compreensão do texto. Agradecemos profundamente ao Professor Tukufu Zuberi, que gentilmente cedeu seu tempo para esta entrevista. Foi uma enorme honra entrevistá-lo.

[Revista Temporalidades]: A cultura material é uma fonte para a História como disciplina acadêmica, mas é um campo de debate fundamentalmente interdisciplinar. Você poderia elaborar sobre como a contribuição de múltiplas áreas; como a arqueologia, a antropologia, a sociologia e mesmo a história, promove um discurso mais rico a respeito da cultura material?

[Tukufu Zuberi]: Veja bem, as discussões sobre cultura material foram pervertidas por várias formas de marginalização e exclusão. [Elas] se resumiram em uma fetichização sobre a cultura material por um lado, e as pessoas que produzem, distribuem e dão sentido e valor à cultura material [por outro]. Parte disso é devido à natureza do sistema econômico que nós decidimos

utilizar como seres humanos, isso é: o sistema capitalista. Como Marx, Freud, e tantos outros intelectuais disseram, nós vivemos em um mundo onde temos muito fetiches e os dotamos com significados e ignoramos o valor gerado nesses fetiches por pessoas e seu trabalho.

Em 1935, W. E. B. Du Bois escreveu um livro chamado “A Reconstrução Negra na América” e seu livro previa uma data inicial e uma data final, data inicial em 1865, logo após o final da Guerra Civil [Americana] e final em 1875, ele basicamente via o projeto de reconstrução como um projeto falho. E porque? Primeiramente, é preciso entender que o modo como pensamos no problema está errado. Nós olhamos para o capitalismo e pensamos que ele é construído por capitalistas, quando sabemos que capitalistas não constroem. Eles não produzem objetos, eles não produzem produtos agrícolas, eles não fazem nada disso.

Os verdadeiros produtores de valor que existem - nesse épico do capitalismo em que nós estamos vivendo - são os trabalhadores. Estejam esses trabalhadores nos campos de algodão nos Estados Unidos escravocrata, ou nas minas do Brasil escravista, ou nas fábricas chinesas modernas, que fazem, ou montam, nossos celulares brilhantes e tecnológicos. E em cada um desses casos, pessoas têm que estar engajadas em trabalho para produzir essas coisas. Mesmo se introduzirmos robôs, que também vêm da nossa labuta, e talvez nós vamos entrar em uma era onde esses objetos não são criados por pessoas, mas por robôs. E [se] esses robôs fizerem novos robôs; todos esses são objetos e eles terão valor para nós seres humanos pelo trabalho que foi investido ali. E se esse trabalho for cíclico, de forma que os objetos estão criando as coisas, e não se baseando na consciência ou inventividade humana, então isso não será algo da esfera da sociedade humana. Mas enquanto [o objeto] pertencer ao espaço social humano, onde lidamos uns com os outros, é importante que vejamos e entendamos as conexões sociais.

E quais são as conexões entre as pessoas que usam o produto, a cultura material e aqueles que criam a cultura material? Na maior parte da história moderna, as pessoas que fizeram a maior parte da produção não foram as pessoas que colherem os benefícios da produção. Então, existe um motivo para isso e é a forma que nós nos organizamos. E ao nos organizarmos dessa forma nós esquecemos das relações entre as pessoas. Existe uma relação entre quem faz, quem usa e quem lucra com a produção e o uso. Se quem faz não lucra com a produção das coisas, esse é um tipo de mundo, e é preciso justificar esse mundo. E para justificar este mundo é possível dizer: “bem, essas pessoas são só mulheres, negros, pobres, essas pessoas vieram dessa região

específica”. É possível achar razões para diferenciar as pessoas que produzem e as que lucram, mas isso não muda a relação que existe entre as pessoas. Então, “desfetichizar” um objeto seria reconhecer isso.

Mas para que a fetichização do objeto continue a ser socialmente relevante, é importante que as pessoas estejam fragmentadas. Nós temos que olhar uns aos outros, e temos que ver diferença, nós temos que ver inferioridade e superioridade. A fragmentação que existe agora é fabricada em todos os lugares, dentro de um sistema de supremacia branca. E parte disso também é devido à história econômica e ao legado de como o capitalismo se desenvolveu e se cristalizou no que ele é hoje. Mas grande parte [do problema] é que essas identidades, essas fragmentações dos seres humanos, facilitou a justificativa desse tratamento desigual de um para com o outro. Encontrou-se uma maneira de não empatizar com o problema do trabalhador, do produtor, do desempregado, do sem teto, do marginalizado, por conta da posição deles na sociedade. Quer que a mulher seja uma dona de casa, que fica em casa para criar os filhos, cuidar da casa, o status marginalizado dela vem de fazer um trabalho importante, querido, fundamental, na sociedade humana, certo? Mas ela é marginalizada, ela é fragmentada de fazer um papel e receber valorização, ambos social e material, pelo que ela contribui para sociedade. Ela é separada disso.

Essas disciplinas, arqueologia, antropologia, história, filosofia, sociologia, economia, ciências políticas, todas foram criadas para facilitar as justificativas para essa marginalização. Todas essas disciplinas, dependendo da sociedade em que se veem, estão explicando as circunstâncias sociais em que se encontram e justificando os sistemas de privilégio, beneficiando os sistemas de alocação de recursos dentro dessa sociedade. Porque - você sabe - é verdade. Se você vai ser um pesquisador, um intelectual, você não pode ficar preocupado de onde virá sua próxima refeição, você não pode estar preocupado com seu aluguel, você tem que quase que entender essas questões como garantidas para fazer seu trabalho intelectual. Você tem que poder parar, pensar e refletir, e é preciso que existam sistemas sociais de suporte que dizem: “esta é uma boa contribuição para a sociedade”. Bem, essa é uma boa contribuição para a sociedade segundo as definições da [própria] sociedade. Se a sociedade apoia a marginalização de pessoas dentro dela, ela vai recompensar pessoas que proporcionam explicações para tal.

Portanto, essas disciplinas estão elas mesmas presas em um loop de serem parte do problema, mesmo quando elas gostariam de ser parte da solução. E quanto mais elas se tornem parte da

solução mais elas vão entrar em conflito com instituições para as quais elas trabalham. Seja um presidente atual, como Trump nos Estados Unidos da América ou Bolsonaro no Brasil, eles vão, os intelectuais, vão ter que fazer uma escolha, eles sempre vão ter que fazer uma decisão acerca de apoiar os sistemas de hierarquias, marginalização de pessoas, ou não apoiar isso. E essa decisão vai influenciar no tipo de pesquisa que eles fazem.

Então, a pesquisa no século XXI não vai ser limitada a disciplinas, vai ser cada vez mais interdisciplinar, transdisciplinar. O movimento do intelectual do futuro vai ser, e eu não estou me gabando, vai ser uma pessoa que consegue ensinar, e escrever livros, e fazer filmes, curar uma exposição, fazer leituras de sua poesia, e pinturas que capturam o momento. Toda nossa energia criativa vai ser necessária para capturar a atenção de um mundo que muda muito rápido.

[RT] O mundo ficou de luto com o fogo que destruiu o Museu Nacional brasileiro, um dos mais ricos acervos da América latina, para diversos interesses científicos. Essa era, claramente, uma tragédia evitável, mas fundos para ciência e educação vem sendo cortados em medidas de austeridade. Depois da eleição em outubro o futuro pode parecer sombrio para alunos e professores no Brasil. Isso parece entrar em contradição com esforços de muitos intelectuais, como você, para alargar o conceito de civilização e expandir a noção de quais culturas e povos contribuíram para o avanço da humanidade. O que nós, como uma comunidade global, porque o fogo no Museu Nacional não foi uma perda só para brasileiros, temos a ganhar com a conservação da cultura material? E também com o investimento nas disciplinas de humanas, em cultura, ciência e educação?

[TZ]: Museus são valiosos. Como as bibliotecas, museus são espaços onde nosso entendimento de ambas as culturas material e não-material exige que nós entendamos que está tudo bem se nós somos ignorantes sobre algo, que isso não é um problema. O que é problemático é se nós somos ignorantes e por alguma razão, intencional ou não intencionalmente, nós não podemos mitigar nossa ignorância. Agora, não tentar diminuir nossa ignorância intencionalmente é o pior tipo de arrogância, porque nós sabemos que ignoramos algo e não temos a intenção de remover nossa ignorância. Por outro lado, ignorância não intencional é um estado em que vivemos o tempo todo e para os jovens e aqueles intelectualmente motivados, nós estamos em uma missão para

remover o máximo de ignorância que podemos. Infelizmente, quanto mais velhas as pessoas ficam mais arrogantes elas se tornam a respeito de suas ignorâncias e se você conhece uma pessoa mais velha e que busca informação, entender nosso mundo, elas vão admitir que elas são muito ignorantes.

Bibliotecas e Museus são lugares para a eliminação de nossa ignorância intencional e não intencional porque nós podemos entrar em um museu e ele é um lugar de conhecimento. E frequentemente esse conhecimento é articulado de uma maneira política, porque é impossível eliminar a política na construção de um museu. Porque nós podemos nos fazer uma pergunta simples para cada peça de cultura material que encontramos nos museus: “porque essa peça de cultura material, nesse momento no tempo, nesse lugar específico?” E o lugar pode ser onde o material foi encontrado ou o museu em si mesmo. Ao responder esse conjunto de perguntas, nós chegamos em um entendimento sobre a mudança ou o status da cultura material e objetos específicos de cultura material. Minha opinião é que quando uma biblioteca queima, toda a humanidade sofre. Tudo que é destruído se torna parte de nossa cultura material que é removida de nossa presença e não mais nos dá a oportunidade de entender nosso passado, entender quem somos e isso se torna uma tragédia para toda a humanidade. Não só [as pessoas] que existem agora, mas aquelas que vão existir no futuro, no que elas tentarão nos entender, porque a melhor maneira de fazê-lo é construir uma consciência histórica de quem somos. A melhor maneira de construir essa consciência histórica é remover a ignorância do que somos. E as melhores instituições que temos para armazenar informação são nossas bibliotecas e museus.

Agora, é fantástico se conseguimos digitalizar esses processos, se conseguimos gravar em filme e armazená-los em bancos de dados digitais, se não gravamos digitalmente. Em 2015, por exemplo, eu fiz um tour pelo Brasil e filmei todos os principais museus, todos os principais museus em Belo Horizonte, eu filmei dentro deles, no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e daí em diante... E porque eu fiz isso? Eu fiz isso porque eu estava interessado em capturar o que significa ser brasileiro. E como o Brasil se compara com outras partes do mundo onde se criaram instituições semelhantes, e como essas instituições facilitam as pessoas nesses países a entender quem elas são. Porque frequentemente, você sabe, as pessoas acham que porque elas nasceram no Brasil e falam português, que por que a mãe delas, as avós, seus avôs, e etc, estavam no Brasil, que isso faz delas brasileiras. E para mim isso é uma ideia interessante, que seres humanos criaram essas

Nações-Estado e essa é nossa mais recente iteração em como nós nos nomeamos e criamos nacionalidade, patriotismo, que entendermos nossa nação, são elementos chave para entendermos nossa identidade nacional. E frequentemente esse entendimento é examinado sob a ótica das políticas sociais.

O Brasil, como os EUA, toda a Europa, África e Ásia, e a identidade de todos os seres humanos, tem sido poluída e confundida por ideias de raça e diferença, por ideias de patriarcado, machismo, e várias formas de sexismo que distorcem a qualidade de vida de seres humanos no planeta Terra. E ainda assim nós usamos essas narrativas para construir argumentos a respeito de quem somos. Mesmo antes da atual administração brasileira, já existia um diálogo a respeito de como esses museus lidavam com as questões de identidade, de diferenciação. O Museu Nacional, [assim como] todo museu histórico que eu visitei no Brasil, estava lutando com essa problemática, por conta de sua origem há mais de 100 anos. Todos esses museus foram construídos em nome da supremacia branca, com a exceção de museus como o “Museu Afro-Brasil”, a maioria dos museus no Brasil foram criados em nome da supremacia branca e afirmação de como a brancura foi a base do Estado brasileiro. É a mesma coisa aqui nos Estados Unidos.

Há pouco mais de 100 anos, aqui nos Estados Unidos, um grupo de mulheres que ligavam seus antepassados aos soldados confederados que perderam a guerra civil [americana] começou uma campanha de propaganda, para restituir, reconstruir, resgatar a memória dos soldados confederados caídos. O que elas fizeram foi construir estátuas por todo os EUA, em honra de Rober E. Lee, líder do exército confederado e vários outros donos de escravos, senhores de escravos e escravocratas, comemorando-os. Então, não é um acidente que as pessoas hoje estejam brigando nas ruas a respeito dessa questão da valorização daqueles que escravizaram, de construir estátuas e prestar tributo a aqueles que escravizaram e se cria um diálogo nacional porque isso diz respeito à identidade das pessoas aqui.

Museus, e nesse caso esses monumentos, não são assuntos levianos. Quem nós pensamos que somos afeta como tratamos outras pessoas, afeta nossa empatia para com as outras pessoas. E você consegue imaginar uma criança que vai a um museu e encontra a representação dos cidadãos classificados como negros, ela vai começar a pensar que esses cidadãos classificados como negros não contribuíram igualmente para a sociedade, que eles eram apenas escravos. Elas

podem pensar que essas pessoas eram preguiçosas e que a razão da preguiça delas era a escravidão e a cultura que se seguiu à escravidão. Essa ideia é passada para essas crianças e elas tem essa ideia a vida inteira. Museus nos oferecem a esperança de corrigir essa distorção. E eu não estou dizendo que museus no Brasil fizeram isso, ou museus nos Estados Unidos fizeram isso, mas eu estou dizendo que museus tem esse potencial, eles têm o potencial de ser um espaço onde crianças brasileiras podem aprender melhor sobre o que significa ser humano e seus direitos e responsabilidades para com a humanidade, e a responsabilidade da humanidade para com elas, e com os direitos delas, e para justificar que elas são merecedoras de direitos humanos, que são superiores a direitos nacionais.

E mesmo que um presidente articule o que muitos consideram um ponto de vista racista, um ponto de vista enviesado, um ponto de vista homofóbico, qualquer presidente pode ser eleito, é preciso que se tenha uma narrativa pronta para contradizer essas informações. Assim temos a habilidade de educar um público amplo. Agora, se o público amplo está elegendo pessoas como Donald Trump e Jair Bolsonaro, você tem que lembrar que Trump veio depois do Obama, e Bolsonaro, bem, Bolsonaro e Temer, seguiram Dilma e Lula. Então, esses políticos progressistas perderam para a popularidade desses políticos retrógrados e isso pode acontecer se o público é ignorante e carente de instituições transformadas para educá-los sobre ser um ser humano responsável.

O problema com o Museu Nacional e o fogo não é tanto um problema do Bolsonaro ou do Temer, tem sido um problema por muito tempo. Não é um problema novo. Esse museu é extremamente importante, impressionante e valioso no Brasil, um dos mais importantes na América do Sul, em termos de coleções internacionais, coleções domésticas, os arquivos indígenas, objetos do Egito Antigo, da África. É muito importante ter esses objetos em arquivo, mas é mais importante ter programas educacionais implementados para mostrá-los ao público. Programas que convidem as pessoas a vir e participar de uma experiência educacional. Enquanto o fogo é triste pelo potencial que o museu tinha de se tornar algo que ele não era, é uma catástrofe por mover essa possibilidade para fora de nosso horizonte. Nós vamos esperar que a política melhore no Brasil, nos EUA, na Argentina, nós vamos esperar que a política melhore e que alguém tenha a preocupação com educar as crianças. Porque agora, pelo menos no Brasil e nos EUA, não existe preocupação suficiente em contribuir com recursos para a educação de

crianças e jovens adultos, e mesmo de adultos. Essa é a beleza de um museu, de uma biblioteca, não existe limite de idade, eles te convidam a aprender. É uma catástrofe para a humanidade quando um museu ou uma biblioteca se incendiam e toda a humanidade deveria ficar de luto. Todos nós, pois, deveríamos ver isso como uma catástrofe maior que o Brasil.